

EMANOEL ARAÚJO: A GEOMETRIA SAGRADA DO AXÉ

Milenna Saraiva*



Emanuel Araújo (1940–2022) não foi apenas um artista; foi um arquiteto da memória brasileira. Nascido sob o sol de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, ele carregava no sangue o ofício de uma tradicional linhagem de ourives. Antes de moldar o metal da arte, suas mãos aprenderam o rigor da marcenaria e a precisão da linotipia, fundamentos que, na década de 60, levaram-no à Escola de Belas Artes da UFBA.

Diferente de seus contemporâneos, Araújo não buscou na Europa o seu norte. Ele encontrou na geometria das matrizes africanas o seu centro. Sua obra é um diálogo vigoroso com o construtivismo, mas um construtivismo tingido de dendê e história. Ao lado de Rubem Valentim, ele libertou as formas abstratas do purismo acadêmico para preenchê-las com o simbolismo dos terreiros e a força da diáspora. Através do aço corten, da madeira talhada e do granito, Emanuel ergueu monumentos que são, em si, atos de resistência contra o apagamento colonial.

Sua maior escultura, contudo, foi institucional: o Museu Afro Brasil, fundado por ele em 2004 no Parque Ibirapuera. Ali, Araújo não foi apenas curador, mas um sentinela da dignidade negra, transformando o museu em um quilombo museológico onde a arte africana e afro-brasileira finalmente ocuparam o trono que lhes é de direito.

Recentemente, o Farol Santander celebrou sua trajetória com a retrospectiva Embates Construtivos, sob a curadoria de Fábio Magalhães. A exposição foi um mergulho em sua versatilidade: mais de setenta obras, entre xilogravuras e esculturas, ocuparam o 24º andar com uma força telúrica. Na expografia de Haron Cohen, as cores não eram apenas pigmentos, mas saudações aos Orixás. As salas pulsavam entre os vermelhos e azuis da série Navio, que transmuta a dor das embarcações negreiras em potência estética, e a serenidade absoluta de uma sala dedicada ao branco, a cor da criação e do luto transformado em paz.



Um dos pontos altos da mostra foi a monumental Homenagem à Louise Nevelson (1998). Composta por painéis em acrílica sobre aglomerado, a obra revela como Araújo traduziu o "Baroque baiano" em uma linguagem contemporânea e fragmentada. Surpreendeu também a presença de aquarelas, registros de uma delicadeza rara em sua produção marcada pela solidez.

Emanuel Araújo partiu em setembro de 2022, mas não se findou. Ele se tornou ancestral. Seu legado permanece como uma lição indelével: a de que o artista negro não deve apenas ocupar o circuito das artes, mas deve ser ele mesmo o criador das novas gramáticas que definem a nação.

*Milenna Saraiva, artista visual paulistana, formada em Artes Plásticas pelo Santa Monica College, na Califórnia, com curso de pós-graduação em Pintura Contemporânea pela FAAP.



NA CONIBASE VOCÊ ENCONTRA PRODUTOS COM

PREÇO DE ATAÇADO

A PARTIR DE 2 UNIDADES!

CENTRAL DE ATENDIMENTO:

(11) 99766-2100
Seg à Sáb: Das 8h às 18h
Feriados Das 8h às 17h

NOSSAS LOJAS:

São Paulo - Butantã | São Paulo - Morumbi
Vargem Gde Pta | Cotia - Granja Viana
Embu - Pirajussara | Sorocaba | São Roque

SAIBA MAIS:

LojaConibase

www.conibase.com.br

